



Influências de práticas agrícolas do agronegócio nos cultivos tradicionais locais e algumas consequências ao território camponês: estudo de caso em Batalha-PI

Influences of agricultural practices of agribusiness on local traditional crops and some consequences on the peasant territory: a case study in Batalha-PI

SILVA, Raimundo Nonato de Sousa¹; CRUZ, Maria Erinalda²;

¹ Universidade Federal do Piauí, nonatosousa9ph@gmail.com; ²Agricultora Familiar, erinaldacruz341@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas

Resumo: O estudo tem por escopo averiguar as mudanças na prática da agricultura Familiar em Batalha, estado do Piauí, e analisar as causas e efeitos do agronegócio neste processo. Para tanto, foram investigadas duas comunidades rurais: Frecheira/Porco e Nogueira, tendo como principal atividade desenvolvida a agricultura familiar, onde representa a subsistência de suas populações. Adotou-se a metodologia quali-quantitativa, onde se fez uso de questionário semiestruturado e oficina coletiva, em que se produziu a linha do tempo, cuja intenção foi compreender o objeto de estudo a partir do olhar dos sujeitos envolvidos. Os resultados mostram que o cultivo tradicional da agricultura familiar vem sofrendo grandes influências por práticas do agronegócio. Neste sentido, têm-se como efeito uma alimentação menos saudável, fragilidades nas relações sociais, degradação dos recursos ambientais e a aculturação de seus costumes e crenças, herança de seus ancestrais.

Palavras-chaves: agricultura convencional; agricultura familiar; conhecimentos tradicionais.

Introdução

O município de Batalha situado na região norte do estado do Piauí dispõe de condições favoráveis ao exercício agrícola, pois é, predominantemente, composto por área rural correspondendo a 85% de seu território, conforme dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). Onde durante muito tempo o modelo de agricultura desenvolvido tinha como finalidade a subsistência da família, e de modo tradicional. Situação que muito se difere do modelo de produção convencional, cuja grande parte de sua produção não convém a produtos essenciais à dieta humana e visam essencialmente os lucros (BOMBARDI, 2017).

Santos, Silva e Maciel (2019) destacam que é crescente a adoção de práticas do agronegócio entre os agricultores camponeses, e que são diversos os argumentos que seus praticantes usam para defender a tese de que as novas práticas surgem como potencial para melhorar a vida no campo. Neste certame, analisar a percepção dos agricultores quanto a esse processo de mudança e seus impactos locais é de



grande importância, podendo gerar proposições para superação de paradigmas possivelmente encontrados.

Cabe destacar que o caso de Batalha/PI, ainda não pode ser declarado como uma fronteira agrícola, pois os cultivos ainda são em pequena escala e praticados pelos agricultores locais. Contudo, a adoção de práticas voltadas para o sistema de produção convencional, dentre elas: uso de agrotóxicos, insumos externos e sementes transgênicas, têm sido disseminadas neste município com muita frequência (IBGE, 2017).

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar a percepção de agricultores familiares de Batalha/PI sobre a mudança no modo de agricultura que vêm praticando, causada pela influência das práticas do agronegócio.

Metodologia

O estudo foi realizado com os agricultores residentes no Assentamento Frecheira/Porco e comunidade rural Nogueira, aqui nomeados de comunidade I e comunidade II, respectivamente. Ambas pertencem ao município de Batalha/PI, situado na região norte do estado do Piauí, cuja população total é de 25.774 habitantes, em que 62,72% das pessoas vivem na zona rural (IBGE, 2010). Neste município, a atividade agropecuária é, predominantemente, exercida por agricultores familiares e representa a base de sua alimentação e sobrevivência.

A comunidade I é um Assentamento da reforma agrária com 22 anos de instalação, possui 62 famílias e fica a uma distância de 4 km do centro de sua cidade sede, Batalha/PI. Já a comunidade II é uma comunidade rural em que seu povoamento ocorreu há cerca de 90 anos, atualmente, dispõe de 51 famílias e está localizada a 28 km do perímetro urbano de Batalha/PI. Em ambos os grupos a base de suas sobrevivências é o acesso a benefícios sociais de governo e a prática da agricultura familiar.

O contato inicial com os sujeitos da pesquisa ocorreu por meio da técnica de Rapport (AMOROZO; VIERLER, 2010). O universo amostral se deu com a seleção de moradores das comunidades, com idade igual ou superior a 18 anos, e com experiência na produção agropecuária. A seleção da amostra foi orientada por meio de amostragem não probabilística, fazendo uso da técnica bola de neve (BAILEY, 1982). A coleta de dados ocorreu por meio das técnicas de entrevista semiestruturada e roda de conversa.

Os dados das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo Bardin (2011), permitindo sua sistematização e organização. Por meio dessa análise, verificou-se as práticas desenvolvidas na agricultura familiar local, a partir das respostas dos



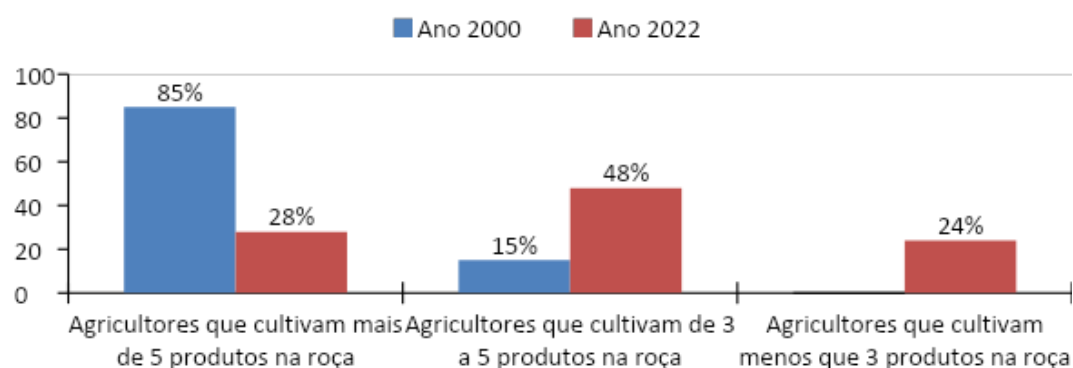
agricultores, em relação ao modelo de cultivo adotado, como são exercidos e os efeitos disso no dia a dia da população local.

Os dados da linha do tempo tiveram o intuito de verificar se os agricultores familiares locais observaram mudanças no modo de produção de alimentos, nas relações sociais internas e na relação homem/meio ambiente, e as possíveis ameaças que essas representam a eles.

Resultados e discussão

Um dos métodos que melhor conceitua o modo de produção agrícola do agronegócio é a monocultura, que se estabelece pela simplificação do ecossistema, em que cultiva-se apenas uma única cultura (DE CARVALHO; MARIN, 2011). Esta realidade, antes não praticada pela agricultura familiar, aos poucos vem emergindo entre suas práticas, ainda que, em pequena escala, principalmente via orientações técnicas de extensão rural baseada no modo capitalista de produção.

Neste contexto, se identificou tendência progressiva na mudança do método de cultivo dos agricultores familiares de Batalha/PI pesquisados. Estes, até o início dos anos 2000, mantinham seus cultivos baseados na diversidade de produtos, em que 85% deles cultivavam em seus roçados, mais de cinco produtos, 15% concentravam seus cultivos entre três e cinco produtos e, não apresentava manifestação alguma de agricultores com menos de três produtos. Fato que se difere, consideravelmente, da prática adotada neste ano de 2022, onde apenas 28% dos informantes se declaram cultivar mais de cinco produtos em suas áreas de plantio, 48% cultivam entre três e cinco produtos e, 24% dos entrevistados relatam plantar menos que três produtos (Figura 03).



Fonte: elaboração própria, 2022.

Figura 03: Quantidade de produtos cultivados nas roças dos agricultores familiares pesquisados no município de Batalha (PI).



Os dados indicam que os espaços agrícolas cultivados pelos agricultores vêm progressivamente simplificando a biodiversidade, que por sua vez dificulta o equilíbrio interno dos serviços ecossistêmicos, ocasionando em baixa resiliência ecológica. Este cenário vulnerabiliza o ecossistema local, deixando-o propício a danos de eventos naturais (CAVALLET, 1999).

Os agricultores locais que outrora produziam uma diversidade de produtos passaram a reduzi-los, almejando a superação cada vez maior de produtividade de alguns deles, que na grande maioria das vezes não pertencem aos alimentos essenciais da dieta humana. Neste sentido, identificou-se que os cultivos de mandioca, arroz, feijão e milho que, historicamente, tiveram destaque ímpar na dieta dos entrevistados, têm redução bastante significativa nos cultivos e, por outro lado, cresce massivamente o cultivo de capim como pastagem, para atender a criação de animais bovinos que é ascendente na região (Figura 04).

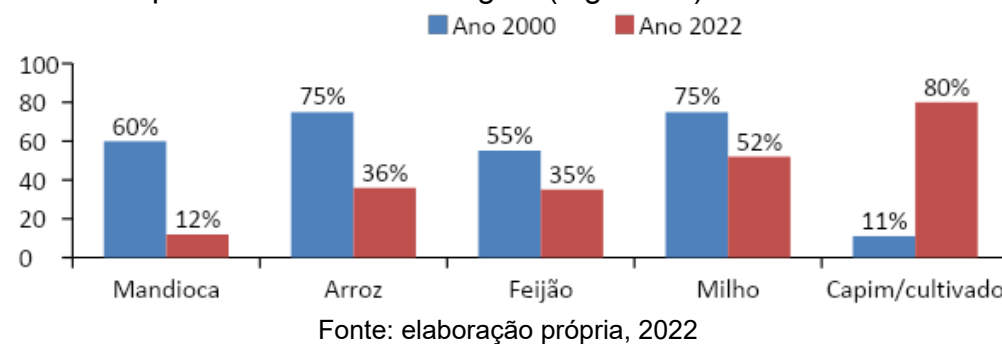
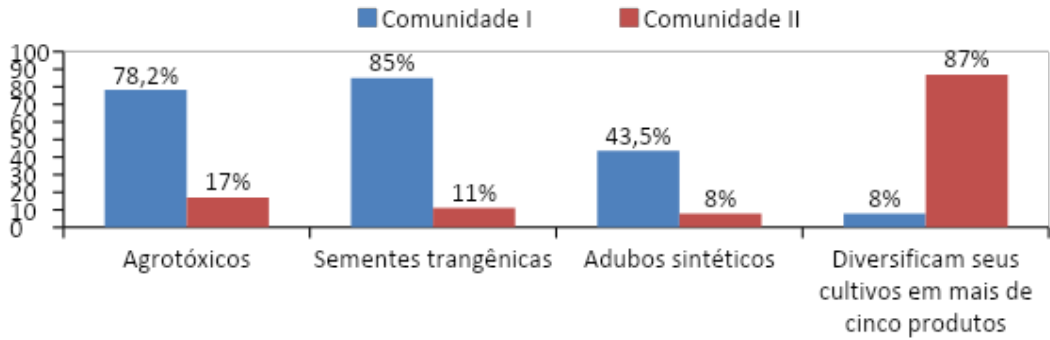


Figura 04: Produção dos cinco principais produtos cultivados pelos agricultores de Batalha (PI) nas últimas duas décadas.

O fato constatado evidencia a simplificação de agroecossistemas, onde se produz com menos diversidade, produtos de interesse alimentício, e sim, atender ao capital financeiro produzindo alguns produtos de interesse de mercado (FREITAS; BOMBARDI, 2018).

Desde os anos de 1970, o sistema agrícola tem passado por transformações imperiosas, resultando em uma modernização conservadora segundo o ditame da Revolução Verde. Meio essa metamorfose, a forma produtiva agrícola familiar, intencionalmente, tem sido induzida a contribuir para lucratividade da indústria de insumos e implementos agropecuários (SOUZA, 2011).

Neste estudo, detectou-se que as comunidades pesquisadas têm vivido essa metamorfose. A comunidade I, mais expressiva que a comunidade II, (Figura 05). Já em relação ao plantio de mais de cinco produtos nas áreas de cultivo, manifestaram realizar, 8% dos entrevistados da comunidade I e, 87% da comunidade II.



Fonte: elaboração própria, 2022.

Figura 05: Porcentagem de agricultores de duas comunidades de Batalha (PI) quanto ao uso de práticas relacionadas ao agronegócio

A comunidade II, vem resguardando muitas práticas da agricultura tradicional deixadas por seus progenitores, enquanto na comunidade I, essa vivência quase não é praticada, apenas alguns dos agricultores mais idosos exercem essa prática, que chega ser nomeada pelos agricultores mais jovens de “costumes da antiguidade”. Como relata o informante XVI, da comunidade II: “...Quando falo que é importante plantar ou fazer outras práticas na roça orientando pelas fases da lua, me chamam de velho atrasado...”.

Os agricultores, detectaram que, com o passar dos anos vêm mudando a alimentação. Eles indicaram na ferramenta coletiva de coleta de dados que passaram a comer alimentos mais industrializados ao invés daquele produzido por sua autonomia, conforme pode se observar nos dados expressos na tabela 01.

Tabela 01: Dados listados na linha do tempo sobre a base da refeição diária das famílias.

Período	1980	2020
Alimentação		
Refeições diárias: café, almoço e janta	-Café, leite, cuscuz, beiju, grolado, carne de animais caipira, (arroz, feijão, milho, goma, farinha, maxixe, abobora, melancia) produzidos no local, (óleo de tucum, coco babaçu e gordura de porco), frutas e legumes produzidos na própria comunidade.	-Café, nescau, leite de pacote, biscoito industrial, carne de animais caipira, e melhorados, arroz e feijão produzidos no local e adquiridos em supermercado, miojo, frutas e verduras de hortifrutis, salgados, enlatados, olho de soja e milho transgênico.

Fonte: autoria própria, 2022.

Essa realidade acarreta em pelo menos duas consequências claras, sendo uma, a falta de autonomia quanto a pureza do que se come (BOMBARDI, 2017). Quando a pessoa produz seu próprio alimento, esse tende ser mais natural, o que é bem oposto dos industrializados, que em sua maioria são resultados de processos que



insana sua pureza. O outro grande problema é não se ter autonomia quanto ao que se come, pois fica refém dos produtos e preços oferecidos pelo mercado.

Conclusões

A alimentação dos agricultores tem sofrido grandes mudanças com o passar do tempo, migrando de uma alimentação natural e, portanto, saudável, para uma processada, acarretando um sistema alimentar menos saudável. Contudo, os entrevistados se mostram apreensivos pela realidade vivenciada, mas se dizem sem caminho concreto de mudança deste cenário.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carolina R.; AMOROZO, Maria C.M. Manutenção da diversidade agrícola em assentamentos rurais: Um estudo de caso em Moji-Mirim – SP. **Revista Biotemas**, v. 25, n.3, p. 265-280, 2012.

BAILEY, Kenneth D. **Methods of social research**. New York: McMillan Publishers, The free press, 1982. 553p

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BOMBARDI, Larissa M. **Geografia do uso de agrotóxico no Brasil e conexão com a União Europeia**. São Paulo: USP, 2017.

CAVALLET, Valdo J. **A formação do engenheiro agrônomo em questão: a expectativa de um profissional que atenda as demandas sociais do século XXI**. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

DE CARVALHO, Simone P.; MARIN, Jose O. B. Problemas ambientais desencadeados pelo Plano Nacional de Agroenergia: o caso de Itapuranga, Goiás. **INTERAÇÕES, Campo Grande**, v. 12, n. 2, p. 235-247, jul./dez. 2011.

FREITAS, Bernadete M. C.; BOMBARDI, Larissa M. A política nacional de irrigação e o uso de agrotóxicos no Brasil: contaminação e intoxicações no ceará. **GEOgraphia**, 20(43) 2018, 86-100.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v20i43.a27213>

IBGE. Estados@: Piauí, 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov/brasil/pi/batalha>. Acesso em 28 Mar. de 2021.

IBGE. Censo Agro 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/batalha>. Acesso em: 30 de Mar. 2021.



IBGE. Mapas M0nicipais 2020. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/batalha>.

Acesso em: 07 de Maio. 2022.

SANTOS, Anderson D. G.; DA SILVA, Danielle V.; MACIEL, KlecianeN. A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. v. 21, n. 1, p. 46-61, 2019.

SOUZA, Luciano R. S.A construção conservadora da agricultura brasileira, agricultura familiar, agroecologia e pluriatividade: diferentes conceitos de entendimento e do espaço rural brasileiro. **Cuad.DesarroRural**, Bogotá, v. 8, n. 67, pág. 231-249, julho de 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-14502011000200010&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 06 de junho de 2022.